

Um “homem coletivo”: nas entranhas do monstro com Ángel Rama

Ángel Rama nasceu em Montevideu, em 30 de abril de 1926. Falecido prematuramente em novembro de 1983, o uruguaio pode ser considerado um dos exemplos máximos de compromisso e militância intelectual e política na América Latina no século XX.

Escritor, crítico, professor e teórico, possui uma vasta produção de artigos sobre Literatura e Cultura latino-americanas – em boa medida, consequência de suas atividades no respeitado semanário *Marcha* –, além de uma produção teórica cuja sistematização, em livros, resulta em algumas das mais importantes contribuições para o entendimento dos processos sócio-culturais no continente.

Fábio Salem Daie ¹

Rosário Peyrou, no prólogo ao *Diário* de Ángel Rama, refere-se ao autor com uma frase de T. S. Eliot: “De tiempo en tiempo, cada cien años aproximadamente, es deseable la aparición de un crítico que emprenda una revisión de la literatura del pasado y establezca un

¹ Fábio Salem Daie é mestrando em Literatura Latino-americana pela New Mexico State University (EUA). Mantém também pesquisa na área de Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa, dando enfoque aos processos coloniais ibéricos na África portuguesa e na América espanhola.

nuevo orden”. Com o que Rama certamente concordaria, desde que, diria ele, este crítico não fosse T. S. Eliot.

Quando “um dos críticos mais lúcidos deste século” – para usar a expressão de Ana Pizarro – morre em 1983, no seu pequeno e distante Uruguai a notícia se espalha em meio a um enorme ato popular contra a ditadura naquele país, que cumpria já uma década. Vítima do golpe militar que o havia levado a um exílio ao mesmo tempo produtivo e sofrido, neste mesmo ano Rama escreve a última entrada em seu *Diário*, que termina da seguinte maneira: “haber estado bajo un poder despótico y despreciativo, ejercido por gentes inferiores. Lo que me faltaba en el conocimiento de las ‘entrañas del monstruo’”.

“Las entrañas del monstruo”, uma expressão de José Martí, um dos seus mestres, ironicamente se tornava naquele momento o bojo do próprio avião em que voavam Rama e sua esposa, a crítica de arte e escritora Marta Traba, além dos escritores Jorge Ibarguengoitia e Manuel Scorza, e que despencou em Mejorada del Campo, perto de Madri, no dia 27 de novembro.

Rama tinha 57 anos, e estava retomando, em Paris, suas atividades como crítico e teórico da literatura, depois de ter escrito dois trabalhos considerados fundamentais na produção intelectual latino-americana: *Transculturación narrativa en América Latina* (1982) e *La ciudad letrada* (publicado postumamente). O primeiro – que propôs o conceito de “transculturação²” na literatura – era resultado de um diálogo interdisciplinar sobretudo com a antropologia do cubano Fernando Ortiz, autor do clássico *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Ortiz não seria a única interlocução de Rama na área da Antropologia. Darcy Ribeiro, cujo tempo de exílio transcorreu boa parte

² No ensaio *Os Processos de transculturação na narrativa latino-americana*, Rama cita a defesa que Ortiz faz pela utilização do termo: “Entendemos que o vocábulo *transculturação* expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque este não consiste apenas em adquirir uma cultura, que é o que a rigor indica o vocábulo anglo-americano *aculturação*, mas implica também necessariamente a perda ou o desligamento de uma cultura precedente, o que poderia ser chamado de uma parcial *desaculturação*, e, além disso, significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais que poderiam ser denominados *neoculturação*” (2001, p.216).

em Montevideu, não somente conheceu o crítico uruguaio como colaborou profundamente com ele em diversos projetos, seja na Enciclopédia Uruguaia (63 fascículos que realizam uma revisão interdisciplinar da história cultural do país), seja em seu projeto-maior, a Biblioteca Ayacucho³. “É de Darcy Ribeiro que Rama toma o conceito de ‘comarca’, como região cultural cujos limites extrapolam as fronteiras políticas”, diz a professora Ana Cecília Olmos⁴. Tanto o conceito de “transculturação” como o de “comarca” trabalham já no sentido de pensar as trocas simbólicas numa América Latina dividida, em várias dimensões, *artificialmente*, decorrência do processo colonial espanhol, das disputas entre os países ibéricos e, após as independências de início do século XIX, do esforço pela manutenção de estruturas sócio-econômicas de poder. No que concernia à incorporação do Brasil, tratava-se, resumidamente, de tentar derrubar, pelo menos no nível da análise cultural, o *Tratado de Tordesilhas* ainda vigente no campo do intercâmbio cultural, ao que se mostrou de grande valia a cooperação entre o uruguaio e intelectuais brasileiros como Darcy Ribeiro, Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido e outros.

La ciudad letrada, por sua vez, é um longo ensaio sobre o papel dos intelectuais na América Latina, da colônia ao século XX, e seu maior enfronhamento ou distanciamento com as instâncias de poder. Segundo, novamente, a professora Olmos:

Você tem que ter presente que a escrita, em Rama, a prática da escrita é uma instancia de exercício de poder. E que, digamos, o poder simbólico da escrita supõe um exercício de dominação sobre a sociedade e seus diferentes setores. Isso é uma ideia fundamental e que permeia todo o *La ciudad letrada*. Essa ideia de que o conquistador chega já com um mapa desenhado de como

³ A Biblioteca Ayacucho foi um projeto idealizado por Ángel Rama, na década de 1970, e patrocinado pelo Estado da Venezuela. Segundo Peyrou (2010, p. 20), “fue pensada como una biblioteca cerrada, cifrada en quinientos tomos, que recoge la vigencia ‘del legado civilizador de América Latina’”. Contando com a colaboração de Antonio Candido e outros, a coleção previa pelo menos cem tomos referentes à literatura brasileira.

⁴ A professora Ana Cecília Arias Olmos, do Programa de Língua e Literatura Hispano-americana da Universidade de São Paulo, foi entrevistada para a composição deste perfil de Rama, em abril de 2011.

será a cidade a ser fundada, vem já com uma ordem simbólica e que será imposta sobre o real. Quando se diz que uma perspectiva crítica como a de Rama abandona uma ideia da literatura como *belle lettre*, significa isso: assumir que o exercício da escrita é um exercício de dominação. Que o poder simbólico tem a ver com as posições de poder.⁵

Quando cai o avião, Rama e Marta se dirigiam a Bogotá para o Primeiro Encontro da Cultura Hispano-americana. Apesar de cansado pelos inúmeros compromissos, o casal resolveu comparecer ao encontro no intuito de agradecer pessoalmente ao presidente colombiano Belisario Betancur por suas manifestações recentes em favor de Rama. Havia pouco mais de um ano, em junho de 1982, o governo estadunidense de Ronald Reagan havia negado o pedido de visto permanente feito em nome do crítico pela University of Maryland, na qual passaria a integrar o Department of Spanish. A negação do visto pelo Serviço de Imigração se baseava numa lei do período maccarthista – a lei MacCarren-Walter – e em “informação confidencial” seguramente fornecida pela ditadura uruguaia. Como descreve Rosario Peyrou em seu prólogo ao *Diario* de Rama: “consideran a Ángel bajo el código 212 (d) (3) (A) (28) – lo que el semanario *The Nation* llamó ‘Trampa 28’ [Armadilha 28] –, es decir, ‘subversivo comunista’” (2010, p. 25).

As reações a esse episódio, ocorridas – sem que se soubesse – já quase ao final da existência de Rama, dão uma mostra precisa do tamanho do prestígio e da consideração de que goza o professor, crítico e editor em todo o continente americano. Além do semanário *The Nation*, não demoram a surgir protestos de outros jornais como *The Sun*, de Baltimore, *Village Voice* ou *Washington Post*, bem como de organizações como *Latin American Studies Association*, *Pen Club* e *Authors League of America*. Entre escritores, intelectuais e amigos, além do presidente colombiano Belisario Betancur, também compraram a briga nomes como Carlos Andrés Pérez, ex-presidente da Venezuela; o

5

Idem.

dramaturgo estadunidense Arthur Miller; Julio Cortázar – que escreveu um artigo intitulado *Ángel Rama frente a la Trampa 28* –; Augusto Roa Bastos; Gabriel García Marquez e muitos outros. Artigos sobre Rama e a *Trampa 28* são publicados em veículos da imprensa de Paris, Caracas, Bogotá, Barcelona, Frankfurt, Londres, México e São Paulo. É – em uma palavra – um escândalo.

Antônio Candido, em carta de 10 de dezembro, escreve-lhe após uma viagem à Venezuela: “Que coisa incrível o que está acontecendo com você! Em Caracas a indignação era geral, e vai receber, naturalmente, a moção que fizemos sobre a sua ausência e o que a motivou”. Ambos haviam se conhecido em 1960, quando de uma visita de Candido que acabava de publicar, um ano antes, seu *Formação da Literatura Brasileira*, cujas formulações teóricas Rama tratou de divulgar pela América *hispana*, sobretudo ao adotar, do brasileiro, seu conceito de “sistema literário”. Ángel Rama provinha de uma extensa formação autodidata, havia feito teatro na juventude, escrito mais de uma obra literária, e agora dividia seu tempo entre a crítica cultural em *Marcha*, edições de livros, aulas, etc., realizando uma surpreendente atividade (para não dizer “militância”) no âmbito do debate público. Candido, por sua vez, vinha de uma sólida formação acadêmica, fundada sobre esse pilar “interdisciplinar” que cedo unira seus estudos de sociologia à literatura, e a essa altura já era autor de um dos livros fundamentais para a literatura brasileira. De acordo com Pablo Rocca⁶:

Ángel Rama y Antonio Candido empezarán a entablar un diálogo que va a funcionar como un circuito donde uno y outro toman en préstamo las ideas que se amplian, se proyectan, van y vienen, retroalimentan cada una de las obras críticas, se expanden en busca de un proyecto (...) indisociable de lo político como macro texto”.

⁶ O doutorado de Pablo Rocca pode ser descrito como abordagem extensa das relações culturais entre América hispana (sobretudo o Uruguai) e o Brasil na figura de alguns de seus principais intelectuais: *Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: Dos caras de um proyecto latinoamericano*.

Este envolvimento é explicitado também pela professora Sandra Guardini T. Vasconcelos, organizadora, juntamente com Flávio Aguiar, de uma coletânea de textos de Rama⁷:

Se para um [Rama], houve essa incorporação da noção de “sistema”, acho que, para outro [Candido], houve de fato esse estímulo para pensar a América Latina de forma mais conjunta. Houve uma espécie de envolvimento, mesmo efetivo, na participação do próprio Candido, por exemplo, na Biblioteca Ayacucho⁸.

É interessante notar que, para Rocca, não somente o conceito de “sistema”, senão também o de “suprarregionalidade” – cunhado pelo brasileiro num artigo crítico a “Grande Sertão:Veredas”, de Guimarães Rosa – provê ao uruguaio ferramentas para o seu *Transculturación narrativa en América Latina*, um livro em que “Rama epitomiza las ideas de Candido y, simultaneamente, construye su crítica al adoptar otro punto de mira” (ROCCA, 2006, p. 262).

Entre os amigos e colaboradores que também escreveram a Rama, por ocasião da negação de seu visto nos Estados Unidos, estava Carlos Quijano, economista e fundador do influente semanário *Marcha*, onde aquele trabalhou por vários anos. Quijano lhe dirige uma missiva, de 7 de outubro de 1982, em que se refere ao ocorrido: “(...) la imbecilidad humana es lo único que puede darnos la sensación del infinito. (...) Si se ve obligado a venir a Mexico, aqui estamos totalmente a sus órdenes. (...) No tenga miedo a mis muchos años” (QUIJANO, 2010, p. 93). Exilado aos 82 anos e um senhor cujos textos em *Marcha* haviam formado boa parte da geração uruguaia de Rama, Quijano havia escrito àquele dois meses antes: “mi padre solía [costumava] decir: estoy tan acostumbrado a perder que cuando gano me asusto. Me queda poco y sé que no me será dado ver a nuestra América libre; pero no quiero

⁷ O título da publicação é *Ángel Rama: Literatura e Cultura na América Latina*, publicado pela Edusp.

⁸ A entrevista com a professora Sandra Guardini T. Vasconcelos, do Programa de Literaturas em Língua Inglesa, da Universidade de São Paulo, foi realizada por Fábio Salem Daie e Rodrigo de Oliveira Antônio também para este perfil, em abril de 2011.

morirme con la convicción de que no lo será nunca” (QUIJANO, 2010, p. 94).

Seu principal período de trabalho juntos havia sido entre os anos de 1959 e 1968, período em que Rama sucedeu Emir Rodríguez Monegal – famoso antagonista, cujas posições teórico-políticas divergentes suscitaram polêmicas conhecidas em todo continente – no trabalho de edição dos cadernos culturais de *Marcha*. É ponto pacífico que, sem *Marcha*, nem Rama, nem Monegal seriam os mesmos. Caracterizado por Antônio Candido como um “notabilíssimo semanário”, que praticava uma “crítica corrosiva e exigente” (CANDIDO, 1993, p. 266), *Marcha* era “muy poco ‘periodística’, era intrincada, compleja, exigente consigo misma y con los lectores. (...) Constituyó una tribuna intelectual para el Uruguay y para América Latina” (RUFFINELLI, p. 119).

Refletindo sobre seu período como editor, Rama afirma em *La lección intelectual de Marcha*: “Fue también la lección del tiempo porque la revolución cubana, la apertura del nuevo marxismo, el desarrollo de las ciencias de la cultura, las urgencias de la hora, marcaban nuevos derroteros [rotas]” (RUFFINELLI, p. 121). Ou seja, como editor de um dos semanários mais respeitados da América Latina, Rama vive nele um período especialmente significativo de transformações políticas e sociais. “No caso de Ángel Rama, trata-se de um tempo assumido plenamente. Acrescentaremos: assumido vorazmente, com urgência. Assim, sua obra é uma reflexão sobre esse tempo, o tempo latino-americano, com suas dimensões de memória e projeto, e é, simultaneamente, uma reflexão sobre a forma de assumi-lo” (PIZARRO, 1993, p. 244).

No entanto, o episódio do visto americano não trouxe somente palavras de apoio e auxílio. Com forte veia polemista, Rama também havia conseguido, ao longo dos anos, inimizades e contendas com intelectuais diversos. Em 1982, lê nos jornais estadunidenses o artigo de um escritor cubano que o acusava de ter “un pasado pro-comunista, un pasado subversivo, una serie de manifiestos terroristas a

favor de la violencia y del crimen, un contubernio [mancomunagem] al parecer muy estrecho, con el fascismo de Fidel Castro” (PEYROU, 2010, p. 31). É possível saber, pelas cartas e diários de Rama, como este artigo o impactou profundamente, uma vez que o uruguaio, pouco tempo antes, havia auxiliado o escritor cubano após este deixar Cuba, em 1980, pelo porto de Mariel, integrante da que depois ficaria conhecida como “Geração Mariel” ou “Geração Perdida”. Era Reinaldo Arenas, e, não bastasse a já dramática situação de Rama nos Estados Unidos, “ese desagradable conflicto venia a traer a primer plano la cuestión de las relaciones de Rama con Cuba, enfriadas desde 1971 a raíz del caso Padilla⁹”.

Sem dúvida, nem todos os que mais apreciavam polemizar com Rama eram seus opositores. O maior exemplo talvez seja Mario Vargas Llosa que, quando da morte do amigo, escreveu um texto depois renomeado *El polemista*, e publicado no jornal *El Comercio*, de Lima, em 2 de dezembro de 1983, sob o título original *Ángel Rama: la pasión y la crítica*. Em 3 de maio de 1976 – poucos anos antes, portanto –, Llosa lhe mencionava esta verve numa carta: “Yo también recuerdo con nostalgia nuestras polémicas; eran algo apocalípticas, pero de un nivel bastante decoroso y simpático. (...) No temas, contigo no recurriré al pugilismo (por lo demás, en lo que yo, modéstia aparte, soy bueno desde mis años de cadete leoncioprado, es con la cabeza)” (LLOSA, 2010, p. 70). Já sabemos que Gabriel García Márquez não desfrutou da mesma benevolência.

Realmente, não era fácil polemizar com Rama, fosse pela sua forte personalidade (seu tom podia ser “ao mesmo tempo brusco e terno”, segundo Ana Pizarro), fosse pela sua “capacidade quase incrível

⁹ Nas palavras de Rosario Peyrou: “En 1971 el poeta cubano Herberto Padilla fue encarcelado a raíz de un libro suyo considerado ‘contrarrevolucionario’ y obligado a realizar una autocrítica pública. Un grupo importante de escritores europeos firmó una declaración de condena de las autoridades de la isla, mientras otro grupo de uruguayos apoyaba el gobierno. Rama no firmó ninguna de las dos declaraciones pero publicó en *Marcha* un artículo titulado ‘Una nueva política cultural en Cuba’ en el que criticaba la nueva línea ‘como un error que puede ocasionar perjuicios notorios a la literatura y al arte cubanos’. A partir de este momento dejó de publicar en la revista *Casa de las Américas*” (2010, p. 14).

de leitura e a rapidez de percepção que caracterizava a sua inteligência luminosa”, segundo o testemunho de Antonio Candido. Rama realizava tantas atividades ao mesmo tempo, escrevendo artigos, editando livros, correspondendo-se com escritores, viajando com sua esposa, Marta Traba (outra prolífica intelectual) para congressos e encontros e, entre todos esses compromissos, seguia lendo... de forma que sobre ele escreveram, certa vez, em *Marcha*: “se sospecha que no duerme nunca”. Entre essas leituras, estavam teóricos como Karl Marx, Karl Mannhein, Michel Foucault, Arnold Hauser, Walter Benjamin, Sartre e outros; todos inflexionados pelos “maestros” latino-americanos, como Zum Felde, Pedro Henríquez Ureña, Alfonso Reyes, Jose Martí, além de seus contemporâneos, com quem sempre manteve amplo contato.

Numa entrada de 26 de outubro de 1977, Rama escreve: “Soy de los que lamentarán irse sin haber podido ver y saber más cosas, tanto viejas como nuevas”. Uma nota, publicada pela amiga Laura Escalante, dois anos depois de sua morte, confirma essa disposição:

Jamás en aquella época lo vi enfermo, cansado, desilusionado. Siempre lo conocí esperanzado, dispuesto, presa de encendidos entusiasmos, sumergido en una vigorosa corriente de vida, que manejaba a su antojo [vontade] y distribuía generosamente a su alrededor. Además estaba su alegría, su vena humorística, su disposición para reír. (...) En una de sus últimas cartas dice: ‘me llegaron viejas fotos y estamos todos (increíblemente jóvenes y bellos) en París, en invierno; y tan alegres! Son como imágenes de un sueño que vuelve, que volverá! (ESCALANTE, 2010, p.53).

Em 1983, seu avião acabava de sair de Paris, regressando dessa vez à Colômbia. Pouco mais de um ano depois, chegaria ao fim a ditadura em seu país natal, com a queda de seu último comandante, Gregorio Alvarez. Rama não viveria para presenciar o processo de redemocratização uruguaio, e muito menos para ver o quanto as décadas de 1980 e 1990 tornariam ainda mais surpreendente – numa perspectiva histórica – sua postura como intelectual rigoroso e comprometido com o destino de *nuestra América*.

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. Uma visão latino-americana. In: Literatura e história na América Latina, Ligia Chiappini & Flávio Aguiar (Org.), São Paulo: Edusp, 1993.

ESCALANTE, Laura. La risa de Ángel. In: Ángel Rama: Explorador de la cultura, Rosario Peyrou (Org.), Montevideo: Centro Cultural de España, 2010.

LLOSA, Mario Vargas. Escribir al crítico – Correspondencia. In: Ángel Rama: Explorador de la cultura, Rosario Peyrou (Org.), Montevideo: Centro Cultural de España, 2010.

PEYROU, Rosario. Prólogo. In: Diario (1974-1983). Caracas: Ediciones Trilce, 2001.

PIZARRO, Ana. Ángel Rama: a lição intelectual latino-americana. In: Literatura e história na América Latina, Ligia Chiappini & Flávio Aguiar (Org.), São Paulo: Edusp, 1993.

QUIJANO, Carlos. Escribir al crítico – Correspondencia. In: Ángel Rama: Explorador de la cultura, Rosario Peyrou (Org.), Montevideo: Centro Cultural de España, 2010.

RAMA, Ángel. Os processos de transculturação na narrativa latino-americana. In: AGUIAR, F.; VASCONCELOS, S. (Org.). Ángel Rama. Literatura e cultura na América Latina. São Paulo: EDUSP, 2001, p.209-238.

_____. Diario (1974-1983). Caracas: Ediciones Trilce, 2001.

ROCCA, Pablo. Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: Dos caras de un proyecto latinoamericano. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2006.

RUFFINELLI, Jorge. Disponível em:
<http://www.raco.cat/index.php/Scriptura/article/view/94410/142610>
. Acesso em: 02.maio.2011.